Parte 1 - Alunos em foco

1 - As dificuldades de aprendizagem de Vitor: aprofundando seus fatores e buscando possíveis soluções

Ângela Cristina Sthamer Gieseler

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

GIESELER, Â.C.S. As dificuldades de aprendizagem de Vitor: aprofundando seus fatores e buscando possíveis soluções. In: RODRIGUES, M.B.C., ROCHA, F.M., and MASSENA, J.H., orgs. *Pesquisas e proposições pedagógico-curriculares na escolarização inicial da educação básica* [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017, pp. 21-44. ISBN 978-85-386-0472-3. Available from: doi: [10.7475/9788538604723.0002](https://doi.org/10.7475/9788538604723.0002). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/3vrq5/epub/rodrigues-9788538604723.epub>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Parte 1 Alunos em foco

As dificuldades de aprendizagem de Vítor: aprofundando seus fatores e buscando possíveis soluções

Ângela Cristina Sthamer Gieseler

Este trabalho consiste em um estudo de caso desenvolvido com um aluno do 4º ano do ensino fundamental, de uma escola municipal de Novo Hamburgo, que apresentava dificuldades de aprendizagem nas áreas de leitura e de escrita. O acompanhamento desse aluno foi iniciado no primeiro semestre de 2012, para a disciplina de Psicopedagogia, do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e aprofundado no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em 2013. O estudo teve como objetivo investigar os fatores que podiam estar causando/agravando tais dificuldades e auxiliar o menino a superá-las por meio de ações psicopedagógicas planejadas e desenvolvidas com ele. Como forma de coleta de dados, foram realizadas observações da rotina escolar, além de entrevistas com a professora titular, com o aluno e seus pais.

Neste artigo, apresentarei uma breve explicação das diferenças entre dificuldades de aprendizagem e transtornos como também farei referência à diversidade de fatores que podem influenciar

estas dificuldades. Em seguida, o leitor poderá conhecer o “caso Vítor”¹ e seus fatores externos (escola + família) e internos (entrevista + par educativo), terminando a minha exposição com o planejamento e a implementação da Ação Psicopedagógica e as considerações finais.

DIFICULDADES X TRANSTORNOS

As dificuldades de aprendizagem são resultantes de diversos fatores e apresentam diferentes escalas de intensidade ou gravidade. Para que as crianças com dificuldades recebam as intervenções corretas, é preciso que se identifique, da forma mais precisa possível, o nível ou a categoria das dificuldades. Segundo os *Parâmetros curriculares nacionais*, essas dificuldades incluem “desde situações leves e transitórias que podem se resolver espontaneamente no curso do trabalho pedagógico até situações mais graves e persistentes que requerem o uso de recursos especiais para a sua solução” (Brasil, 1998, p. 33).

Muitas vezes, as crianças apresentam apenas algo transitório, “oscilações no rendimento escolar relacionadas a aspectos evolutivos do aluno ou decorrentes de metodologia inadequada, de padrões de exigência da escola, de falta de assiduidade do aluno e de conflitos familiares eventuais” (Moojen; Dorneles; Costa, 2003, p. 108), estando presente apenas em uma determinada etapa de sua escolarização e se tratando de algo que, com um trabalho pedagógico direcionado e complementar, estará solucionado. Para que essas manifestações sejam superadas, como explica Corso (2008), o apoio da escola e da família é fundamental.

Todavia há casos em que também se pode estar diante de uma dificuldade severa ou até mesmo de um transtorno. Ao falarmos de transtornos, convém assinalarmos que a Organização Mundial da Saúde (1993) os define como “comprometimentos específicos e significativos

---

¹ Para preservar a privacidade do aluno foi utilizado um nome fictício.

no aprendizado de habilidades escolares” (p. 237), sendo que as crianças com transtornos de aprendizagem apresentam dificuldades mais persistentes que não são completamente curáveis, mesmo com um trabalho mais direcionado, ou seja, estas dificuldades acompanharão o aluno sempre, não apenas na infância e adolescência, mas por toda a vida (Moojen, 1999).

Em função de a dificuldade de aprendizagem ser algo bastante complexo, que envolve diversas testagens e a investigação de todos os fatores determinantes do desempenho escolar, cabe a um profissional especializado dar o seu diagnóstico. Devem-se evitar, a qualquer custo, os diagnósticos precipitados, os quais muitas vezes acabam rotulando a criança precipitadamente.

CUBO DE SYRACUSE: A DIVERSIDADE DE FATORES QUE PODEM INFLUENCIAR NAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

O Cubo de Syracuse é uma ótima representação desenvolvida por Corine Smith (1986, apud Golbert; Moojen, 1996, p. 85) para mostrar os fatores responsáveis pelas dificuldades de aprendizagem. Quando observamos um cubo, nós o vemos como um todo, dado que não olhamos para um dos lados isoladamente, mas sim para o conjunto. Por isso, ele é uma representação perfeita das dificuldades de aprendizagem, que também devem ser vistas de uma forma global, já que são diversos os fatores – diversas faces do cubo – que podem causá-las.

Para que se possam compreender melhor esses fatores etiológicos, tão relevantes no desempenho escolar, é importante compreender cada uma das suas faces.

Figura 1 – Cubo de Syracuse

De acordo com Golbert e Moojen (1996), a primeira face do cubo é a que, na verdade, representa o todo e a ele se refere. Ela é chamada *fatores determinantes do sucesso ou fracasso escolar*.

Outra das faces do cubo refere-se a *fatores familiares*. Dada a importância da família na vida de qualquer pessoa, é fácil perceber o quão relevante e decisiva ela pode ser no surgimento – ou no processo de aceitação/adaptação/superação – das dificuldades escolares de uma criança. Segundo Weiss (1997), com a sua experiência clínica com pacientes de diferentes classes sociais, foi constatado que por volta de 10 % das crianças que apresentavam dificuldades e foram encaminhadas para diagnóstico psicopedagógico tinham na relação familiar e pessoal a causa das suas dificuldades.

Quando a família deixa de ser uma fonte de proteção para a criança e seu desenvolvimento psicossocial, pode ocorrer o início de uma dificuldade de aprendizagem. Por isso, é essencial que os pais avaliem sempre como os seus filhos se sentem no meio familiar, se este pode ser considerado um ponto de referência, amor e segurança ou se está

exercendo estresse na criança devido a discussões, desajustes e falta de interação entre pais e filhos.

Os *fatores biológicos*, outra das faces do cubo, abrangem os aspectos *orgânicos, hereditários e bioquímicos*. Do mesmo modo que os fatores do meio – como os familiares recém-abordados –, os fatores do organismo exercem uma importante função no surgimento de dificuldades de aprendizado. Por isso, cabe resaltar a importância de se investigar como está a saúde em geral do paciente. Segundo Pain (1985), é de extrema importância que se façam exames de audição e visão, pois crianças que apresentam algum problema nessas áreas podem ser vistas como “o que não quer ler, ou ouvir”.

Os *fatores hereditários* também podem exercer um papel importante no desenvolvimento intelectual, por isso é essencial que sejam analisados.

Os *fatores relacionados à escola* são considerados alguns dos mais decisivos no sucesso ou fracasso escolar de uma criança, pois é na escola que ela realiza descobertas voltadas ao letramento, à aritmética, dentre outras. Para que as crianças tenham êxito nestas aprendizagens, é fundamental que o ambiente seja acolhedor, estimulante, que seja adaptado à realidade cultural dos alunos e aos seus valores. Para isso, é necessário que o seu currículo seja adaptado, com conteúdos de qualidade e de verdadeira relevância para determinada região, cidade e realidade social. Caso contrário, as chances de ocorrerem dificuldades de aprendizagem, além de evasão escolar, são muito grandes.

Deve-se observar também a relação entre aluno e professor, que, quando problemática, pode propiciar o surgimento de dificuldades, já que ela influencia na motivação do aluno em fazer descobertas e aprender juntamente com a turma, além de afetar sua relação com o ensino.

A face do cubo relacionada às *tarefas desenvolvidas na escola* e sua relação com o desenvolvimento cognitivo e nível maturacional do aluno

é, muitas vezes, subestimada. Porém seu valor é inquestionável. Como explica Corine Smith (1985, apud Golbert; Moojen, 1996, p. 90), “quanto maior a congruência entre as características da criança e as características do programa que lhe é previsto, maior é a probabilidade de sucesso escolar”. Esse fator é determinante no desempenho escolar, já que muitos dos problemas e dificuldades surgem quando são oferecidas tarefas que não estão de acordo com as capacidades cognitivas das crianças. Por isso, é crucial que o professor saiba em que estágio de desenvolvimento os seus alunos se encontram, para que todos possam desfrutar da aprendizagem de acordo com as suas reais possibilidades.

A face referente às *características individuais* foi escolhida para ser a última analisada, pois, como Golbert e Moojen (1996) explicam, assim se evita rotular e colocar a responsabilidade do problema na criança precipitadamente. Ou seja, deve-se *sempre* analisar os outros aspectos e somente no final averiguar os fatores individuais da criança. Ao investigar as dificuldades de aprendizagem de uma criança, deve-se levar em conta a necessidade de observação do *nível de motivação*, a *maturidade socioemocional*, o funcionamento das suas *estruturas cognitivas* em diferentes áreas, além das características da *personalidade e caráter*, dentre outros fatores, como salientam esses autores.

Quando há falta de motivação em uma criança, podemos pensar em algumas questões causadoras, como a falta de determinadas habilidades cognitivas, que fazem o aluno se sentir “burro” e menos capaz do que seus colegas, o que naturalmente afeta a sua autoestima e, conseqüentemente, sua motivação em aula. Como se pode perceber, a busca da compreensão das causas da dificuldade de aprendizagem de uma criança não é, de forma alguma, simples, justamente por, muitas vezes, existir uma linha muito tênue entre as dificuldades e o que é considerado “normal”.

O CASO VÍTOR

Fatores externos

Conhecendo a sua escola

A escola em que Vítor estuda atende atualmente em torno de 350 alunos dos 5 aos 11 anos, da Educação Infantil ao quinto ano do Ensino Fundamental, em turno diurno. A maioria dos alunos é de classe média. Trabalham nesta escola em torno de 20 professores. O ambiente – tanto das salas quanto dos corredores – é colorido e alegre, limpo e organizado, bastante acolhedor. A sua biblioteca é muito agradável, sendo bastante visitada e disputada pelos alunos. A leitura é muito estimulada nesta escola, que também oferece vários projetos, como Judô, Dança, Monitores Ambientais, Xadrez, Repórter e Mídia, dentre outros.

Os profissionais da escola realizam práticas de formação continuada através de cursos subsidiados pela Secretaria Municipal de Educação, o que é essencial e considerado muito estimulante pelos professores com quem conversei. Por último, é interessante comentar que esta escola tem um número muito baixo de repetência, não chegando nem a cinco crianças por ano, além de o nível de evasão escolar ser literalmente nulo.

Conhecendo a sala e a turma em que Vítor estuda

Na sala de aula do Vítor, estudam 24 alunos, organizados em quatro colunas e sentados em duplas. Vítor está na segunda fileira localizada em frente ao quadro, sentado ao lado de sua colega Fabiana, uma menina que o trata muito bem, mostra-se inteligente e dedicada.

A forma de avaliação da professora é, segundo ela, “por meio de aspectos mais concretos, como trabalhos, leituras, avaliações escritas”, mas ela também não deixa de levar em consideração a participação e o comportamento em aula.

A atmosfera, em geral, parece bastante amigável. No entanto, nos momentos em que a turma está no recreio, na aula de biblioteca, na educação física, ou seja, em momentos fora da sala de aula e sem a professora titular, as coisas nem sempre são assim. Em relação ao Vítor, por exemplo, são visíveis a rejeição e o preconceito em atos e falas das crianças, que consideram que ele apresenta um “perfil feminino” (como foi definido por uma professora da escola), falando e andando de forma diferente da maioria dos meninos.

Nesses momentos, fora de sala de aula, Vítor sofre com a rejeição, pois, apesar de algumas crianças brincarem com ele, são vários os que não o querem por perto. Mas ele parece não se abalar com isso e continua correndo atrás deles. Em um dos recreios observei, por exemplo, que Vítor estava seguindo um destes meninos e, repentinamente, o abraçou, o que foi imediatamente respondido com chutes e xingamentos.

Em outro momento, durante a aula de biblioteca, a professora estava lendo um livro relacionado às diferenças, e a turma começou a rotular alguns colegas com as denominações trazidas pelo livro (como “o aluno quietinho”, “o aluno bagunceiro” etc.). Vítor logo começou a ser chamado de “gay” e, como não quis demonstrar estar se abalando, entrou na brincadeira, chamando também outros colegas de outras denominações. Ele e outro aluno insistiram tanto na “brincadeira” que foram retirados da sala, e, ao falar sobre esse assunto em particular com a professora, Vítor demonstrou abertamente sua mágoa, começando a chorar.

Conhecendo a professora da turma do 4º ano e a sua visão sobre Vítor

A partir do que foi percebido ao longo dos cinco dias em que realizei observações nesta turma antes de começar o trabalho com o Vítor, concluí que a professora é uma profissional querida por todos e carinhosa, com o tom de voz bastante suave, trabalha com as crianças com

tranquilidade, o que acaba influenciando o andamento da aula.² Ela é também muito respeitada por todos.

As atividades/conteúdos sempre são propostos de forma questionadora e a sua realização é mediada pela professora – que frequentemente passa nas mesas para ver como estão sendo feitas as atividades. Neste ambiente, a participação dos alunos é promovida e favorecida em quase todos os momentos: eles podem colaborar com seus conhecimentos prévios, além de terem a oportunidade de mostrar seus saberes sobre o conteúdo em andamento através de leitura e visitas ao quadro-negro. Em todos estes momentos percebi, ao longo das minhas observações, que a professora procura motivar e elogiar quando há o acerto e, quando há um erro, tenta encontrar, em conjunto com a turma, a resposta correta. Por já ter sido professora desta turma no primeiro ano, a cumplicidade entre professora e alunos é muito grande. Notava-se o afeto tanto dos alunos quanto da professora.

Realizei uma entrevista com ela, na qual foram feitas algumas perguntas relacionadas a ela, mas o foco foi o Vítor. Enquanto conversávamos, fui transcrevendo suas respostas em meu *notebook*. Merecem destaque os seguintes aspectos assinalados por ela:

- segundo o ponto de vista da professora até aquele momento, as maiores dificuldades de Vítor estavam relacionadas ao convívio com o grupo, à aceitação por parte deles;
- por já ter sido professora de Vítor no primeiro ano, ela conhece os pais dele e mantém contato com eles;
- o aluno é bastante participativo, acompanha o ritmo dos demais e não tem vergonha de falar ou tirar suas dúvidas;

---

² Além do que observei das aulas para este trabalho, também fui sua aluna durante dois anos na época em que estudei nesta escola, por isso conheço bem suas características em sala de aula.

– fragilidades: leitura – lê sem ritmo – e a questão emocional, não parece saber lidar com a questão de identidade;

– o que consegue fazer bem: ele tem muitas qualidades, faz cálculos bem, copia com a letra bonita e o caderno é caprichado, faz desenhos criativos, é carinhoso etc.;

– aulas de reforço de matemática e português: devido aos horários colidirem com o de um projeto extraclasse que ele estava realizando, ele não as estava frequentando;

– a respeito do “jeito feminino”: a professora tem a impressão de que ele age daquela forma por querer aparecer, pois faz também muitas palhaçadas. Ela acredita que ele não saiba lidar com os seus sentimentos e que, por isso, tenta sempre se mostrar para os outros, querendo ser observado, visto por todos, o que acabava causando um certo preconceito por parte de muitos alunos da turma;

– apesar de todo o preconceito, Vítor não demonstrava, em momento algum, abalar-se com os apelidos e exclusões, aparentando estar sempre feliz. Ela acredita que isso seja uma forma de se proteger.

Conhecendo um pouco do meio familiar de Vítor

Marquei uma reunião com os pais de Vítor, mas apenas a mãe compareceu. Segundo ela, o pai não pôde estar presente por não ter possibilidade de faltar ao trabalho. A anamnese com a mãe do aluno ocorreu como uma espécie de conversa, com breves anotações minhas em uma folha. Além disso, com o auxílio da gravação da sua voz, pude transcrever da melhor forma a entrevista. Ao longo desta conversa, percebi muitas questões de grande importância para este trabalho:

– tanto a gravidez quanto o período de bebê do Vítor foram bastante tranquilos;

– Vítor é independente com a higiene pessoal e bastante organizado com os afazeres domésticos e da escola;

– quando bebê, não teve nenhum medo/insegurança quando começou a caminhar, descer escadas etc.;

– o garoto e sua mãe são bem próximos, brincam bastante juntos;

– em casa, Vítor gosta de brincar com a sua cachorrinha e andar de bicicleta, em geral é bastante sossegado, gosta de atividades mais calmas como desenhar, folhear livros, pintar etc.;

– continua dormindo com os pais às vezes, mesmo estando com 10 anos;

– alfabetizou-se no 2º ano do ensino fundamental – dizendo, àquela época, que “agora não podia mais brincar”;

– sobre o pai: segundo a mãe, ele é “quietão”. Quando Vítor ingressou na escola, na educação infantil, prometeu a ele uma bicicleta se ele não chorasse;

– sobre a mãe: ficava muito tempo longe por causa do trabalho, até os 2 anos de vida do Vítor, ele ficava com a avó;

– durante a cesárea, no nascimento do Vítor, os médicos cortaram acidentalmente a bexiga de sua mãe, o que impossibilitou que ela ficasse com o filho e o amamentasse, já que ficava mais tempo no hospital do que em casa. Ela só pôde começar a cuidar normalmente dele após 4 meses. Neste meio tempo, quem mais ficou com ele foi sua avó, já que o seu marido trabalha o dia todo.

Fatores internos

Refletindo sobre o que mudou entre um ano e outro

Esta subseção aborda as principais diferenças notadas ao comparar as duas entrevistas realizadas com Vítor, uma em 2012 e a outra em 2013, com intervalo de um ano.

Na primeira pergunta feita ao Vítor – “Quais são as coisas que mais gostas de fazer?” –, obtive, nas duas vezes (2012 e 2013), a mesma resposta:

“Estudar matemática!”. Percebi que o estudar – em geral – é muito importante para ele, algo a que dá prioridade. Como foi comentado ao longo da entrevista com a mãe, o garoto é bastante organizado a respeito dos estudos.

Um dado muito interessante é que, em 2012, Vítor relatou que o que mais gostava de fazer eram cálculos de adição e subtração, sendo que, naquela época, ele tinha grandes dificuldades em matemática. Com a ajuda da sua psicopedagoga, enfrentou essas dificuldades e na segunda entrevista (2013) estava se saindo muito bem, obtendo nota 80 na sua última prova. Isso é motivo de grande orgulho e felicidade para ele, algo que ele deixa transparecer quando fala sobre o assunto.

Ao questioná-lo quanto ao “O que é legal e o que não é legal na escola e por quê?”, novamente as respostas foram as mesmas nos dois anos. No entanto, em 2013 ele acrescentou que não achava legal que os colegas o chamassem de *gay* e utilizassem outros apelidos pejorativos; o que antes, no ano anterior, já o incomodava, mas não o suficiente para ser exposto na entrevista, desta vez teve destaque. Vítor acrescentou ainda que isto o deixa muito chateado.

Na questão “O que é fácil e o que é difícil na escola?”, ele considerou a *prova* algo bastante difícil nos dois anos, isso porque, segundo Vítor, ela sempre contém perguntas difíceis. Um fator muito interessante está relacionado à sua resposta quanto a *algo considerado fácil para ele* porque ele estabelece uma associação com a matemática (em 2012) e com a leitura (em 2013), sendo que estas foram consideradas, pelas respectivas professoras, suas maiores dificuldades.

Ao ser questionado quanto ao “que ele faz quando tem dificuldades na escola”, houve novamente uma grande diferença entre um ano e outro. Em 2012, Vítor explicou que, quando tinha dificuldades em sala de aula, não pedia ajuda à professora, tentava solucionar seus problemas sozinho. Na época, outros dois alunos da mesma turma deram respostas

semelhantes. Acredito que isso se devesse ao fato de esses alunos terem medo de questionar a professora da época, que, apesar de não recriminar a turma ao tirar suas dúvidas, aparentava ser mais séria, o que talvez fosse o motivo de maior receio por parte dos alunos. Já na última entrevista, em 2013, relatou buscar auxílio da professora Angela e que, quando ele busca essa ajuda, ela sempre responde de forma muito calma e tranquila, com exceção dos dias em que estão em provas, caso em que ele tem de achar as respostas sozinho. Quanto à questão “O que é ser bom aluno para ti?”, também houve algumas diferenças. Em 2012, ele explicou que um bom aluno é aquele que “é educado e tem amor pelos outros”, não enfatizando tirar notas boas ou algo nesse sentido. Já em 2013, Vítor realçou as suas próprias qualidades: “ser estudioso, gostar de fazer o tema, participar e não ficar ‘fazendo cara feia’ para o que a professora pede”.

Para finalizar a entrevista, questionei “O que queres ser quando crescer?”. A resposta foi imediata, “PROFESSOR!”, assim como no ano anterior. Este seu desejo vem acompanhando-o. Parece ser algo que realmente ele deseja. Ao perguntar acerca da matéria que gostaria de lecionar, ele respondeu que não tinha nenhuma predileção, que gostaria de ser “professor de qualquer matéria, desde que professor”.

Acho que essa vontade de seguir essa carreira vem justamente de querer provar que ele é inteligente e capaz, da vontade de estar de volta à escola, mas, dessa vez, no papel de um professor, com o intuito de ajudar outros alunos, de mostrar sua capacidade e seus conhecimentos.

Par Educativo – O que os desenhos do Vítor demonstram

Na segunda parte da entrevista realizada com Vítor, propus uma atividade denominada Par Educativo, um teste projetivo gráfico muito importante na avaliação psicopedagógica. Segundo Gola (1999, p. 55), “as técnicas projetivas nos aproximam do funcionamento psíquico

do sujeito, facilitando o acesso a conteúdos inconscientes. A projeção nos conduz ao conhecimento do que não é dito abertamente”. Este teste funciona da seguinte forma: solicita-se que a criança desenhe uma pessoa que aprende e uma que ensina, sugerindo, a seguir, que ela formule uma história oralmente ou por escrito envolvendo esses dois personagens, dando nome e idade aos mesmos. É possível, por meio disso, interpretar as concepções da criança acerca das relações ensinante-aprendente, do papel vivido na escola, em turma, de possíveis rejeições às situações escolares etc.

Comparando o primeiro Par Educativo, produzido por Vítor em 2012, com o seguinte, em 2013, algumas características se mantiveram, e novas questões surgiram. Ao observar os dois desenhos, solicitados com um ano de intervalo, percebi que, tanto no primeiro quanto no segundo desenho, o garoto representou uma sala de aula com um professor e um aluno (ver Imagens I e II).

I

II

Imagens I e II – Par Educativo de uma pessoa que ensina e outra que aprende, produzidos por Vítor nos anos de 2012 e 2013, respectivamente.

Fonte: Arquivo da autora.

No primeiro desenho, a mesa do professor ficava em um canto da sala, e a do aluno, no outro lado. No entanto, mesmo a mesa do professor estando distante da mesa do aluno, ele se encontrava parado ao lado do seu aprendiz, auxiliando-o. Já no segundo desenho, as mesas estão mais próximas, no entanto o professor não está mais ao lado do aluno, e sim mais próximo do quadro. Essas representações nos permitem inferir que, antes, o aluno precisava de alguém mais próximo, auxiliando-o constantemente, depois ele não precisava mais de tanta proximidade, o que faria sentido no panorama de 2013, em que Vítor já conseguia lidar melhor com algumas de suas dificuldades.

É importante ressaltar que, no momento em que o segundo Par Educativo foi proposto, Vítor havia se saído muito bem na primeira prova aplicada naquele ano, relacionada unicamente a cálculos matemáticos,

em que obteve nota 80. Acredito que essa nota possa ter influenciado na representação de uma independência aparentemente maior do aluno nesse desenho.

Uma das grandes diferenças evidenciada nos dois desenhos está relacionada às cores utilizadas. No primeiro, houve a predominância de cores mais quentes – vermelho e rosa, criando uma atmosfera aparentemente inquieta. Já no segundo, tudo estava mais alegre, porém aparentemente mais calmo, com o uso de várias cores diferentes, tais como rosa, azul e verde. Isso nos permite ponderar que, talvez, na época do primeiro desenho, o aprendizado fosse algo bastante difícil para o aluno. Já no segundo desenho, tudo parece estar mais leve, mais alegre, sendo possível especular que ele, nesse momento, vê a aprendizagem de forma mais natural.

Quando solicitei que Vítor escrevesse sobre o que estava se passando na época do primeiro desenho, ele disse: “Era uma vez um escola bunita bonita e nela tinha uma profesora que ensinava um aluno que tinha 8 anos!”.³ É interessante atentarmos para o fato de que ele não disse que “o aluno aprendia”, enfatizando apenas que “o professor ensinava”, contraste que podemos notar de forma mais nítida ao lermos a explicação dele para o segundo desenho, em que escreveu que: “Essa história o Vítor esta aprende coisas sobre matematica com a Angela e ela estava explicando pra ele”.⁴ Nesse desenho, percebe-se o aprendente como sendo a representação do próprio Vítor, que adora matemática e estava se saindo muito bem até então (primeiro semestre de 2013).

No primeiro desenho, o aluno representado foi chamado de Leonardo – ex-colega de Vítor que também tinha dificuldades de aprendizagem – e a professora, Gabriela – uma vizinha de quem ele

---

³ Tradução: “Era uma vez uma escola muito bonita e nela havia uma professora que ensinava um aluno que tinha 8 anos!”.

⁴ Tradução: “Nesta história, o Vítor aprende coisas sobre matemática com a Angela, e ela estava explicando para ele”.

gostava muito. Já, no segundo desenho, Vítor representou a si mesmo no menino que estava aprendendo e chamou de Angela a professora que o estava ensinando.⁵

O que chama muito a atenção na representação de sala de aula dos dois desenhos realizados no Par Educativo é que, em cada um, há duas câmeras filmando, como as que existem nas entradas de prédios – câmeras de segurança. Essas câmeras surgiram também em outros desenhos que ganhei dele ao longo das duas semanas que estive com esta turma em 2012 e, também, depois, em 2013, quando apareceram em desenhos feitos em dois trabalhos solicitados pela professora titular. Considerando que estes outros desenhos retratavam ambientes externos à escola – o quarto de Vítor, a natureza, um passeio feito pela cidade – e que, mesmo assim, estes objetos se encontravam presentes, seja escondidos na grama, seja na parede do lado de fora da casa, na parede do quarto etc., penso que eles podem representar a sensação de ser vigiado constantemente, não apenas pelos professores, devido às suas dificuldades de aprendizagem, mas também pelos seus colegas de aula que o rotulam e o chamam por nomes pejorativos.

AÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

Planejamento

A partir de todas as entrevistas, observações e reflexões feitas até o início do planejamento das intervenções psicopedagógicas, percebi que Vítor vinha obtendo grandes avanços em relação às suas dificuldades anteriores em cálculos matemáticos, o que nitidamente lhe trazia grande

---

⁵ Neste momento, indaguei ao Vítor a qual professora ele se referia: à professora titular da turma dele ou a mim, já que ambas temos o mesmo nome. Obtive como resposta que era a mim, no entanto, não há como saber exatamente se foi realmente a mim que ele queria representar ou se esta resposta foi-me dada apenas para não correr o risco de me deixar triste.

orgulho. Este avanço se devia principalmente à sua psicopedagoga, com quem Vítor fazia um acompanhamento semanal e que lhe auxiliou a avançar e superar parte dessas dificuldades. Segundo sua mãe, ele tinha uma espécie de “bloqueio”, que não permitia que fosse adiante.

No entanto, algumas dificuldades ganharam maior destaque no início de 2013, como a sua leitura em voz alta, pausada demais, a interpretação de histórias matemáticas – questão comentada pela professora – e, ainda na área da escrita, as trocas “surdas sonoras” *P/B*, *C/G* e *J/G* -> *CH/X*, ainda que apenas ortograficamente, não na fala.

Conforme já abordado, outro fator que estava mais presente em 2013 do que no ano anterior e que incomodava bastante o Vítor dizia respeito ao preconceito que ele vinha sofrendo por parte de seus colegas de escola. Ele era insultado e ironizado de forma frequente, principalmente nos momentos em que os professores não estavam presentes.

Ao refletir sobre quais intervenções poderiam ser realizadas com esse aluno, eu tinha como objetivo realizar atividades cujo foco fosse suas principais dificuldades escolares, mas trabalhando concomitantemente para ajudá-lo com sua autoestima. O aumento desse sentimento se revelava um fator central para que ele conseguisse lidar melhor não apenas com o preconceito que sofria com tanta frequência, mas também com uma possível angústia reprimida – por se perceber diferente dos colegas – e com a frustração – que suas próprias dificuldades na escola podem causar. Para atingir tais objetivos, realizei 10 sessões de 45 a 60 minutos cada, as quais serão discutidas no item a seguir.

Implementação

Na implementação desta ação psicopedagógica, houve três focos principais no que se refere ao âmbito escolar: o trabalho com a dificuldade relacionada à troca entre surdas e sonoras; a questão da produção

e interpretação de textos; e o trabalho ligado à matemática, com a interpretação de historinhas matemáticas e o treino da tabuada.

Nas primeiras sessões, ligadas às trocas entre surdas e sonoras, foram propostas atividades como o Instrumento de Avaliação Sequencial de Consciência Fonológica (Confias), que foi utilizado para propiciar a reflexão do aluno sobre os sons das palavras, dado que possibilita que ele escute fonema por fonema e, assim, perceba algumas diferenças entre sons surdos e sonoros. Em seguida, foi feito um trabalho mais profundo sobre essas trocas, o qual foi embasado no livro *A escrita ortográfica na escola e na clínica*, de Sônia Moojen (2009). Para finalizar essa questão, foram realizados exercícios de sistematização das diferenças entre surdas e sonoras para verificação das aprendizagens.

Nas sessões ligadas à produção e interpretação de textos, trabalhei o livro *Duas dúzias de coisinhas à toa que deixam a gente feliz*, de Otavio Roth (2000), que culminou na criação de um livro próprio inventado por Vítor. Nas últimas sessões, solicitei a ele a escrita de um texto que trabalhasse mais um pouco suas habilidades de escrita e sua imaginação, o qual deveria ser feito sozinho em casa e cujo tema foi “Como será o mundo daqui a 20 anos?”.

No que se refere às sessões ligadas à matemática, o foco foram as atividades sobre representação de quantidades, interpretação de historinhas matemáticas e tabuada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando, neste trabalho, optei por dar continuidade ao estudo de caso sobre dificuldades de aprendizagem que havia iniciado em 2012, estipulei como meu principal objetivo tentar auxiliar o Vítor a buscar o caminho para solucionar algumas de suas dificuldades. Este auxílio não passava apenas por questões pontuais em português, leitura ou

matemática, mas também por um trabalho cuidadoso relacionado ao fortalecimento de sua autoestima.

A questão do preconceito que o aluno vinha enfrentando, por se mostrar um pouco diferente da maioria dos seus colegas meninos, parece ser o fator que mais influência exerceu na sua baixa autoestima. Foi possível perceber, ao longo do meu trabalho com ele, que este não era o único fator causador das dificuldades de aprendizagem que ele apresentava, mas não podemos ignorar a possibilidade de isso ter influenciado ou colaborado em certo grau para o agravamento de suas dificuldades. Concordo com Lemos (2007, p. 73) quando pontua que: “[...] de acordo com as teorias psicopedagógicas, o *bullying*⁶ é considerado um dos atuais causadores de problemas de aprendizagem, visto ser capaz de desarmonizar as dimensões cognitiva, simbólica, orgânica e corporal”.

Creio que o Par Educativo e a Ação Psicopedagógica o ajudaram bastante. O Par Educativo foi um ponto de entrada muito importante, já que, através de atividades lúdicas como esta, as crianças expõem seus sentimentos e preocupações, e é nestes momentos que ficam visíveis questões inconscientes.

Através da implementação da Ação Psicopedagógica, conseguimos alcançar ótimos resultados na área da escrita, tanto em termos de produção textual quanto no que se refere às trocas entre surdas e sonoras que ele apresentava. Ao término de meu trabalho, ele continuava realizando pequenas trocas, no entanto com uma frequência muito menor. As suas dificuldades em interpretação de histórias matemáticas mostraram que seus problemas não estavam apenas na área da interpretação, mas também em fatores que são pré-condições para ela, como a tabuada. Apesar de não ter sido o foco de meu trabalho com o Vítor,

---

⁶ Segundo, Lemos (2007, p. 69), “*bullying* é um fenômeno de agressão velada, física, verbal ou psicológica, capaz de acarretar enorme prejuízo emocional, psicológico e social no indivíduo vitimizado”.

houve algumas melhoras nesta área, e acredito que, se isso continuar sendo trabalhado com o aluno, há muitas chances de que ele evolua ainda mais nesse sentido.

Quanto ao Vítor e à sua professora, esta experiência deixou ainda mais clara, para mim, a importância de uma boa relação entre o ensinante e o aprendiz. A relação entre ambos é realmente muito boa, algo que claramente tinha grande impacto em sua aprendizagem e em seu bem-estar em sala de aula.

A escola em si também é muito participativa e consciente. Partiu da coordenação pedagógica, juntamente com a equipe diretiva, a ideia de que Vítor buscasse o apoio especializado de uma psicopedagoga e, quando expliquei que o foco do meu TCC seria ajudar este aluno, fui muito bem recebida pela coordenação e direção.

Ainda assim, considerando a complexidade dos fatores envolvidos na situação do Vítor com seus colegas, percebo que há outras ações que a escola poderia realizar para ajudar não apenas este aluno, mas outros também, pois tratar da tolerância do ser humano ao que é diferente é um dos fatores básicos da construção da cidadania. Trata-se de uma questão crucial que deve ser trabalhada já na infância, considerando que esta é uma etapa da vida em que o indivíduo está formando sua personalidade, com seus gostos e costumes. Além disso, ao comparar a entrevista realizada com a professora de 2013 com a que eu havia feito com a professora do ano anterior, percebi que não parecia haver um contato entre as professoras titulares e os profissionais especializados que estavam trabalhando em determinados casos de alunos, como o de Vítor e a sua psicopedagoga. Isso realmente é uma pena, pois, se houvesse uma comunicação entre elas, seria muito mais fácil a busca de respostas para as dificuldades de aprendizagem dele e de outros alunos. Observei que a coordenadora da escola faz visitas à psicopedagoga de tempos em tempos, no entanto, acredito que seria ainda

mais importante a professora e a profissional estabelecerem uma troca de informações constante, o que facilitaria esse trajeto para ambas as partes e, principalmente, ajudaria mais o aluno.

Outro fator que foi surgindo ao longo do meu trabalho com o Vítor e que exige atenção está relacionado aos mecanismos de defesa a que ele parecia recorrer para não se deixar abalar pelas dificuldades que vinha sofrendo, tanto em termos escolares quanto em termos de relacionamento com os colegas. Aparentemente, estes problemas não abalavam o seu “alto astral”, já que ele se mostrava sempre muito alegre e disposto a ajudar. Mas este “estar sempre muito alegre”, inclusive nos momentos em que era alvo de gozações, e o fato de dizer que considerava fáceis as disciplinas nas quais ele, na verdade, apresentava mais dificuldades nos permitem imaginar que isso fosse apenas um mecanismo de defesa dele, já que o “[...] método de negação, no qual se baseia a fantasia de inversão dos fatos reais nos seus opostos, é empregado em situações em que é impossível evitar uma impressão dolorosa externa” (Freud, 1968, p. 105), sendo que estes mecanismos constituem operações de proteção do ego para assegurar a própria segurança do indivíduo. Freud (1968, p. 92) explica ainda que

[...] o método pelo qual a “dor” e a ansiedade objetivas são evitadas é muito simples. O ego da criança recusa-se a tomar conhecimento de uma certa realidade desagradável [...] e, através das fantasias que a criança constrói, ela se torna insensível à realidade em questão, o ego será poupado à ansiedade e não precisará recorrer a medidas defensivas contra os seus impulsos instintivos.

Com tudo isso, torna-se claro que, para ajudar Vítor, seria necessário um trabalho bastante consistente envolvendo professora, escola, pais, trabalho especializado (no qual me incluo), trabalho de conscientização dos colegas e de suas famílias, sem descartarmos a importância de um acompanhamento emocional para o menino.

Acredito que, mesmo que ainda houvesse bastante a ser trabalhado não apenas com o Vítor, mas com seus colegas também, os meus objetivos foram alcançados, já que, além de um progresso na aprendizagem, a sua relação com a turma também apresentou melhoras. Essas evoluções me deixaram muito satisfeita, visto que talvez o fato de o Vítor estar recebendo esta atenção direcionada tenha permitido, além de melhoras pontuais nas suas dificuldades de aprendizagem, que ele se sentisse acolhido, respeitado e valorizado, o que resultou em uma melhora em sua autoestima e, conseqüentemente, nas suas dificuldades de aprendizagem e de relacionamento com os colegas.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: adaptações curriculares* / Secretaria de Educação Fundamental. Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1998. Disponível em: <http://200.156.28.7/Nucleus/media/common/Downloads_PCN.PDF>. Acesso em: 04 de jun. 2013.
- CORSO, L. Dificuldades de aprendizagem na educação infantil. *Pátio Educação Infantil*, ano VI, mar./jun. 2008.
- FREUD, A. *O ego e os mecanismos de defesa*. Rio de Janeiro: Bup, 1968.
- GOLA, M. de F. M. Instrumentos psicopedagógicos para conhecimento do sujeito que não aprende. *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 18, n. 49, p. 55–56, 1999.
- GOLBERT, C.; MOOJEN, S. Dificuldades na aprendizagem escolar. In: SUKIENNIK, P. (Org). *O aluno problema: transtornos emocionais de crianças e adolescentes*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996. p. 79-109.
- LE MOS, A. C. M. Uma visão psicopedagógica do *bullying* escolar. *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 24, n. 73, p. 68–75, 2007.

MOOJEN, S. Dificuldades ou transtornos de aprendizagem? In: RUBINSTEIN, E. (Org.) *Psicopedagogia: uma prática, diferentes estilos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p. 243-284.

_____. *A escrita ortográfica na escola e na clínica: teoria, avaliação e tratamento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

MOOJEN, S.; DORNELES, B.; COSTA, A. Avaliação psicopedagógica no TDAH. In: ROHDE, L.A.; MATTOS, P. (Org.). *Princípios e práticas em TDAH: tratamento de déficit de atenção/hiperatividade*. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 107-116.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

PAIN, S. *Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

ROTH, O. *Duas dúzias de coisinhas à-toa que deixam a gente feliz*. São Paulo: Ática, 2000.

WEISS, M. L. M. *Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar*. 4 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.